









357

11

1



ECONOMIA

DA

VIDA HUMANA.

Obra traduzida de hum Manuscrito Indiano, escripta por hum antigo Bramano, á qual se acrescenta huma narraçãõ do modo em que o dito Manuscrito se descobrio; e a esta se ajunta huma Carta de hum Cavalheiro Inglez Residente na China no anno de 1751., escripta ao Marquez de \*\*\*\* e agora outra vez traduzida, juntamente com o pequeno Tratado mencionado, na lingua Portugueza, por Adolfo Standert. &c. &c. &c.

Composta na Lingua Ingleza

PELO

CELEBRE CONDE

DE

CHESTERFIELD,

E

Traduzida na Lingua Portugueza.

Por \*\*\*

---

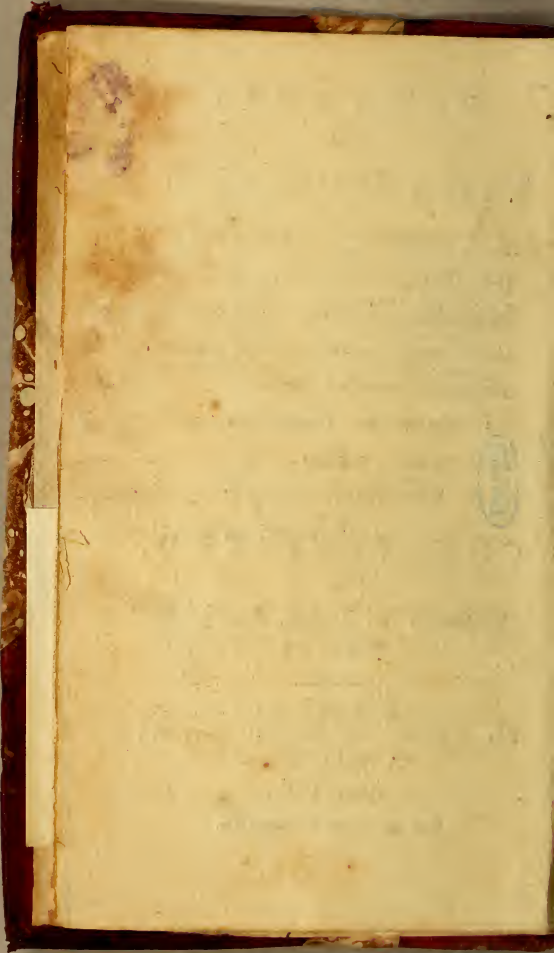
BAHIA:

NA TYP. DE MANOEL ANTONIO

DA SILVA SERVA.

Anno 1818.

*Com as Licenças necessarias.*





## P R E F A C I O.

**A** Materia utilissima, de que trata esta obra, o Estilo figurado, florido, e nervoso, com que está escrita no seu original, a tem feito digna de ser traduzida em quasi todas as linguas polidas da Europa.

A Portugueza, he huma daquellas, na qual se não acha ainda traduzida. Esta impreza, julgo, quanto a mim, não se ter ainda feito, não de nenhuma sorte por falta de curiosidade, ou sufficiente conhecimento de huma, e outra lin-

gua mencionada, mas sim porque as pessoas idoneas, e dotadas de sufficientes luzes para a sua execucao, se applicao, geralmente fallando, ao commercio, ou encargos publicos das duas luzidas Nações de Portugal, e Inglaterra; e porque outros de huma, e outra destas mesmas Nações, contentando-se com a sua propria instrucção, e recreio, não tiverão inclinação, ou vagar de o fazer.

Reflectindo eu pois na estreita obrigação, que me assiste de ser util a esta República por meio das letras, as  
quaes

quaes certamente em todo o tempo da minha vida fizeram as minhas maiores delicias, e ás quaes a alguns annos a esta parte; vendo-me por felicidade minha, livre de todos os embaraços me entreguei com desvélo.

Julguei, que por meio de algumas Traducções de linguas Estrangeiras, e particularmente da Ingleza, poderia de alguma sôrte conseguir esse fim; e juntamente conciliar a benevolencia dos Senhores Portuguezes, offerecendo-lhes nesta traducção, huma Obra mui estimavel; de que sómente os

poicos, que entendem a lingua Inglesa, poderão ter huma completa noticia.

Mas, se não tiver sido minha fortuna, dar nesta copia hum fiel retrato das grandes, e resplandecentes bellezas de seu original, ao menos terei a gloria de ter sido o primeiro, que o traduzio, e o gosto de excitar outros a enriquecer esta illustre Nação, com nobres traduçoens de huma lingua tão abundante em os mais polidos, e eruditos Escritores.

Animado pois, por alguns amigos intelligentes, com a mui grata esperanza de successo, che-  
guci

guei a resolver-me a traduzir esta Obra : Ella he , pela excellencia da sua Doutrina , como já observei , altamente estimada , e louvada entre as Naçoens as mais cultas da Europa.

Isto juntamente com as razões ponderadas , e por não se achar neste Reino alguma Obra deste genero , de que se possa colher tão avultado proveito , me servio de novo estímulo para traduzilla.

Com quanto temor , e desconfiança da insufficiencia das minhas forças , e luzes para dar ao público huma inteira satisfação pelo meu atrevimento , só

aquelles poderão adêquadamente conceber, que forem novos Es- critores como eu, de poucos annos de Estudo, e que escrevem em huma lingua, que não lhes he natural; infaustos predicados, que á similhaça de armados inimigos, se unem, e conspirão para me desanimar.

Mas para que uso eu de tantas desculpas para com o publico? Para que pertendo eu conciliar sua benevolencia? Se a Obra não estiver bem executada, se a clareza, a cnergia, a elegancia lhe faltar, se em outras palavras, a pureza da lingua não lhe assistir,

se não ferir promptamente o animo; se finalmente, não o instruir, e deleitar; seu proprio desmerecimento a farã desprezar e sepultar no esquecimento juntamente com seu imperito, e infeliz traductor, entre a multidão dos servis, e fracos Escriitores, desgastos com o tempo, pó, e caruncho nas estantes de algum Livreiro; mas se pelo contrario, eu tiver tido a fortuna de agradar, de merecer approvaçã do público; o mesmo público, movido por iguaes principios de Justiça, e equidade, que o faz desprezar tudo o que

se lhe offerece indigno da sua accitação, dará tambem livremente approvação, e louvores, a tudo aquillo, que os merece.

De mais, seria injustiça, e temeridade se fizesse por algum modo, que o contrario acontecesse; se desejasse, que por amor da minha fama, e gloria, para dizello assim, o público vivesse allucinado.

No que diz respeito aos genios proprios ás linguas Inglesa, e Portugueza, sou de parecer, que a primeira leva bastante ventagem á segunda, na copia, e abundancia dos vocabulos; mas que esta, como  
por



por recompença, leva aquella grande ventagem na doçura, e suavidade das suas vozes, e que a iguala inteiramente na força, e energia da expressão; qualidade, pela qual a lingua Ingleza, he tão justamente celebrada.

Por este motivo em huma boa traducção de hum para o outro destes dous idiomas, do Inglez para o Portuguez: julgo, pondo de parte a particular belleza de hum bem escrito original, como este, ao qual traducção alguma pôde igualar, que o que esta perde na copia da expressão, aquella

ganha de alguma sôr-te, pela doçura, e suavidade, com que recreia e deleita os ouvidos.

Que direi agora, quanto á materia, methodo, e estílo deste Tratado? As seguintes reflexões o declarão: mas seja-me licito primeiro advertir, que posto elle seja attribuído pelo seu pertendido interprete Inglez, a hum antigo Bramano, os meus compatriotas sempre o attribuirão ao mesmo Grande da sua Nação, e famoso Estadista o Conde de Chesterfield: E este mesmo juizo podemos seguramente formar, a respeito da

da Carta no fim do Prefacio  
da dita Obra.

Primeiramente, no que diz  
respeito á materia, ella he na  
verdade a mais importante,  
que póde haver; trata de tô-  
das as virtudes moraes do ho-  
mem; patenteia-lhe os engan-  
os de seu proprio coração; leva-o,  
como pela mão, á prática de  
todas as suas obrigações, e á  
possessão de todas as felicida-  
des, que huma creatura fragil,  
e corrupta pela sua natureza;  
póde gozar.

Aqui apprenderá o Leitor a  
revestir-se do Carácter de ho-  
mem honrado, como optima-  
men-

mente o achamos retratado por *M. D' Agesseau* na sua primeira *Mercurial*.

Procura este, diz o Sabio Autor, com menos desvélo parecer homem honrado, do que sello actualmente, não se descobre nelle frequentemente cousa alguma, que o distinga dos mais homens.

Apenas deixa transluzir hum pálido raio daquella viva luz, que encerra em sua alma. Raros são os engenhos, que tem a sagacidade de ornar-se com o véo da modéstia, que as encobre. Varios duvidão da superioridade de seus talentos, e per-  
ten-

tendem affirmar-se da verdade da sua fama contemplando-o.

Em huma palavra, ella o ensina igualmente com as letras Sagradas, posto que, não com aquella unção, que lhes he propria, as Caracteriza; e nellas imprime a ratificação da Divina authoridade a ser bons Pais, bons filhos, bons visinhos, bons ames, bons servos, bons Vssallos, e membros da sociedade.

Todos estes saudaveis fins, o nosso Autor, não podia por modo algum ter conseguido tão felizmente, como observando a ordem seguinte.

Em primeiro lugar: conside-

ra.

ra a natureza do homem, sua inteira dependencia de hum Ser Supremo, Omnipotente, Sabio, Bom, Remunerador dos que o servem, e adorão sincèramente, e vingador dos que o desobedecem, e ultrajão.

E em segundo lugar: contempla suas obrigações mutuas na sociedade, e como deve ordenar todas as suas acções para conseguir quanto cabe na possibilidade do estado lastimoso desta vida; aquella felicidade, fim, e alvo de seu Ser, assim como de seus desejos, pela qual, continua, e ardentemente suspira.

Isto executou elle perfeitamente pelo methodo, que referimos, pois persuadidos nossos animos da utilidade, que lhes rezulta de obrar conso-nantemente ás Leis da Natureza, assim no que respeita á conservação da saude, como no que respeita á do vigor, paz e tranquillidade do seu Espirito: prompta, e gostosamente abração os meios adequados, que se lhes subministrão para chegar a disfrutar a mesma felicidade.

Accresce para o louvor do nosso Autor, que elle não julgou conveniente seguir a austera:

téra doutrina daquelles Filo-  
fos, que exclamão altamente  
contra todo o genero de pra-  
zeres: não, elle bem conhecia,  
que o homem he constituido  
com desejos de os gozar, e  
que o Autor da natureza, que  
em tudo obra com summa sabe-  
doria, e bondade, não lhe te-  
ria dado esses desejos, e obje-  
ctos para os satisfazer, sem  
lhe ser permittido, e util o  
gozallo, que assim seria revol-  
tallo inteiramente contra toda  
a sua doutrina, se tentasse per-  
suadir-lhe o ser contrario a seu  
dever, e felicidade o admittil-  
los com moderação.

Sen-



Sendo que, as mesmas luzes da sã razão nos ensinão, que os prazeres moderados augmentão a verdadeira felicidade do homem, a qual está obrigado a procurar, como todos conhecem, que tem a mais leve tinctura dos principios da nobre, e importante Sciencia do Direito Natural.

Segue-se fallarmos com maior particularidade do Estílo: elle he sobre florido, e figurado, como já dissemos, tambem proverbial: Quem tiver noticia dos proverbios de Salomão, não poderá deixar de reconhecer, que o nosso Autor, quando

es-

escreveo este Tratado, teve na mente o imitallos. Isto não fez elle sómente, no que respeita á fraziologia, mas tambem no que respeita aos pensamentos dos quaes a maior parte, logo reconhecerá tambem serem extrahidos do mesmo Sabio filho de David.

Se alguem julgar impropio o admittir em huma materia grave, e sevéra como esta, hum ornato, e pompa de expressão, que apenas se pôde vencer por huma composiçãõ em verso, e diga, isto não he porporcionar o estílo á materia, conforme ensina a arte, pede o decóro, attenda-me desapaixonado, e persuade-

de-me, livrarei o meu Illustré compatriota desta injusta censura, dizendo, que não admitte huma composição oriental, que he escrita na mais sublime Poezia, como tambem testemunhão os proverbios de Salomão, e outros muitos tratados orientaes, que são todos escritos no mesmo estílo que o Illustré Autor Inglez, que pertendia imitallos, seguisse differente modo de expressão.

Se elle obrou judiciousa, ou injudiciosamente, propondo-se similhante modélo, para communicar-nos a sua Doutrina, digo, submetendo-me a melho-

res

res juizes, que não o poderia ter escolhido melhor: a experiencia, optima mestra da vida nos ensina, que em materias, que tratão de alguma doutrina como esta; se os preceitos, que nella se inculcão, são tratados por hum estílo diffuso, seco, descarnado, e sem ornato: o animo os recebe com tédio, e com desgosto, fazem nelle huma mui leve e superficial impressão, e se esquecem com brevidade; pelo contrario, tudo aquillo, que o mesmo animo percebe logo, e recebe com gosto, e com deleite, lança nelle profundas raizes, e se lembra por dilatado tempo.

Não

Não me resta agora mais para dizer, senão que despido de toda a sombra de paixão; declaro, que não conheço livro algum de moral, de que o commum Leitor possa tirar maior utilidade em menos tempo, e com menos trabalho.

Ainda mais; não ha livro algum sobre este importantissimo assumpto, que nem pela excellencia dos preceitos, nem pela brevidade delles; nem ainda pela belleza, e amenidade do estylo, agrade igualmente a todo o genero de Leitores, quer instruidos, quer ignorantes, da menor classe da Plebe ate a mais alta ordem da nobreza.

Do

Do que se clarifica, que o nobre, e Illustre Escritor deste excellente Tratado, he digno dos maiores Elogios, tanto pela escolha do seu assumpto, como pelo ter tratado com a mais pesfeita, e varonil Eleguenciam.

Desejo ardentemente, que o fruto, que o meu Leitor colher da lição do mesmo, coufirme, e realce para seu proveito o Elogio, que eu julguei dever de Justiça fazer-lhe; o que na verdade me dará maior contentamento, do que me poderia dar a sua approvaçãõ, a mais declarada de meu trabalho,

pos-

posto que esta não deixaria de  
me causar hum verdadeiro  
prazer.

---

*Nulla vitæ pars; neque pu-  
blicis, neque privatis, neque fo-  
rensibus, neque domesticis in re-  
bus: neque si tecum agas quid,  
neque si cum altero contrabas,  
vacare officio debet, in eoque  
excolendo sita est vitæ honestas  
omnis, & in negligendo turpi-  
tudo.*

Cicer. 1. Offic.

Não occorre tempo algum da  
vida, em que nos seja licito  
não fazermos por obrar bem:

\*\*

pois

pois nem os negocios publicos , os particulares , os da Corte , nem os domesticos são exemptos de obrigações civís : nem ainda qualquer cousa , em que nos occupemos , ou de que tratemos com outro , poderemos executar sem desdouro , se apartarmos os olhos do nosso dever. Do que se clarifica , que do cumprimento das referidas obrigações , se origina a nossa honra , e do seu desprezo , toda a nossa infamia.



## AVISO AO PUBLICO

*pelo editor da dita Traduc-  
ção Inglesa.*

**O** Espirito de virtude, e moral, que respira nesta antiga Obra de instrucção dos Climas do E'ste, a sua força, e concieção, e as esperanças, que seja proveitosa, influio na pessoa a quem foi remettida, a commu-  
nicar ao publico, o que se traduzio meramente por hum recreio particular: Presentemente ha algumas razões, que nos obri-  
gão a occultar, não sómente o nome da pessoa mencionada; mas tambem o nome do seu

correspondente , que tem agora feito a sua assistencia na China por varios annos , e onde se occupou em hum negocio muito differente do de esquadrinhar curiosidades literarias.

Com tudo , estas razões não duraráõ muito tempo ; e como elle parece indicar , que voltando para Inglaterra intenta publicar huma inteira traducção de toda ajornada de *Cao-tsou* ; o publico então mui provavelmente terá a occasião de se satisfazer quanto a alguns particulares , dos quaes a sua curiosidade o estimule a instruir-se.

## C A R T A

D O

MARQUEZ DE \* \* \* \*

*Pequim 12 de Maio de 1749.*

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

**N**A ultima Carta, que tive a honra de escrever a V. Excellencia com a data de 23 de Dezembro de 1748, parece-me que finalizei tudo concernente á Topographia, e Historia natural deste vasto Imperio. Eu fazia tenção nesta, e em algumas mais, de lhe participar todas as observações, que me foi possível fazer sobre as Leis; Governo, Religião, e costumes deste povo.

\*\* 3

Mas

Mas hum successo notavel á pouco aconteeço, que occupa toda a attenção dos eruditos desta Cidade; ou talvez poderá com o tempo subministrar materia de especulação aos Doutos da Europa. Como este successo he de hum genero, que me persuádo dará recreio a V. Excellencia; farei muito por lhe dar relação delle, tão distincta, e particular, como me foi possível alcançar.

Na vizinhança do E'ste da China, está situada a larga, e espaçosa terra de Thibet, denominada por alguns Barantola: Em huma Provincia desta terra, por nome Laza, assiste o Grande Lama, ou Súmmo Pontifice deste povo idolatra, o qual reverenceião, e adorãõ, comò a hum Deos, os paizes os mais vizinhos. O alto conceito que  
fa-

fazem do seu Character Sagrado induz innumeraveis turbas de pessoas Religiozas a fazer viagem a Laza, para lhe tributarem o seu culto, e para o offer-tarem, a fim de receberem a sua benção. A sua pouzada he em hum magnifico Pagóde, ou Templo edificado no cúme do Monte Pautala. O pé deste Monte, e até todo o districto de Laza, he povoado por hum numero incrível destes Lamaz, de diferentes ordens, e Dignidades, varios dos quaes tem mui espa-çosos Pagodes erigidos em sua honra, e nos quaes elles recebem huma especie de culto inferior.

Todo este Paiz qual a Italia, está cheio de Sacerdotes, que vivem inteiramente do grande numero de importantes offertas, que recebem dos ultimos confins

\*\* A

da

da Tartaria, do Imperio, do grande Mogul, e de quasi todas as partes da India.

Quando o Grande Lama recebe as adorações do povo, se ostenta elevado sobre hum altar magnifico, e se assenta com as pernas encruzadas sobre huma esplendida Almofada: seus adoradores se prostrão aos seus pés de huma maneira a mais humilde, e reverente: mas elle não dá o minimo indicio de attenção, nem já mais se digna fallar, ainda com os maiores soberanos: elle somente lhes poem a mão sobre as cabeças, e elles ficam intencivamente persuadidos, que por virtude desta cerimonia alcanção o perdão de todas as suas culpas: a tanto chega tambem a extravagancia destes Idolatras, que imaginão, que elle tudo

co-

conhece, ainda os segredos de seus corações; seus discipulos particulares, que se compoem de hum numero escolhido de quasi duzentos dos mais iminentes Lammas, destramente fazem crer ao povo, que elle he immortal, e que quando parece que morre, sómente muda a sua rezidencia, e anima hum novo corpo.

Os Doutos na China, tem por muito tempo ajuizado, que nos archivos deste Templo magnifico, alguns livros de grande antiguidade, se tem por muitos seculos conservado occultos: e o Imperador actual que he muito curioso na investigação dos escritos da antiguidade capacitou se finalmente da probabilidade deste parcer, e determinou juntamente tentar se algum descobrimento desta qualidade se poderia effectuar.

Para este fim, seu primeiro cuidado foi procurar huma pessoa optimamente versada nas antigas linguas, e Caracteres. Escolheo finalmente hum dos Han-lins, ou Doutores da primeira classe appellidado Cao-tsoú, homem perito, de cincoenta annos de idade, de hum aspecto grave, e nobre; como tambem de singular eloquencia, o qual por huma casual amizade, que contratou com hum certo Lama erudito, rezidente por muitos annos na Cidade de Pequim, se tinha feito perfeitamente sciente da lingua, que os Lamas de Thibet fallão, e escrevem.

Dotado com estas qualidades partio para a sua jornada, e para que o seu emprego fosse mais attendido, o Imperador o honrou com o titulo de Colão,



ou primeiro Ministro; ao que  
acrescentou hum Estado mui  
magnifico, e huma comitiva, que  
levava offertas de summo valor  
para os outros Lamas princi-  
paes; como tambem huma Carta  
escrita de seu proprio punho, na  
forma seguinte:

## C A R T A

D O

## IMPERADOR DA CHINA.

Ao grande Vigario de Deos.

Muito Alto, muito Santo, e  
digno de ser adorado.

„ **N**ós o Imperador da  
 „ China Soberano de todos os  
 „ Soberanos da terra, na pessoa  
 „ deste nosso muito veneravel  
 „ primeiro Ministro Cao-tscû,  
 „ prostramo nos com toda a re-  
 „ verencia, e humildade aos vos-  
 „ sos pés sagrados, e implora-  
 „ mos para nós, para nossos  
 „ amigos, e para o nosso Im-  
 „ perio, a vossa muito pode-

„ 107

„ rosa , e santissima benção.  
 „ Sintindo-nos com hum vehe-  
 „ mente desejo de esquadriñar  
 „ os registos da antiguidade , de  
 „ aprender , e recuperar a sa-  
 „ bedoria dos seculos preteritos ,  
 „ e tendo noticias certas , de que  
 „ nos sagrados archivos da vos-  
 „ sa muito antiga , e venera-  
 „ vel Gerarchia , se achão al-  
 „ guns livros de estimação , que  
 „ pela sua grande antiguidade  
 „ se tem feito ao maior nume-  
 „ ro , ainda dos eruditos qua-  
 „ si inintelligiveis , a fim quan-  
 „ to está em nós de precaver ,  
 „ que elles totalmente não pe-  
 „ reçam , temos ajuizado o au-  
 „ thorisar , e occupar o nosso  
 „ mui Douto , e Veneravel Mi-  
 „ nistro Cao tsou , nesta nossa  
 „ presente embaixada á vossa  
 „ excelsa santidade. O negocio  
 „ de

„ de que o encarreguei he o  
 „ supplicar-lhe seja concedido  
 „ ler, e examinar os ditos es-  
 „ critos, persuadindo-nos, que  
 „ pela sua grande, e extraor-  
 „ dinaria pericia nas anti-  
 „ gas linguas, se achará ca-  
 „ pacidade de intepetrar tudo,  
 „ quanto se descobrir, ainda  
 „ que seja da mais alta e ob-  
 „ secura antiguidade. E nós lhe  
 „ temos ordenado prostrar-se a  
 „ vossos pés com taes pinhores  
 „ de nossa veneração, que con-  
 „ fiamos lhe alcance o ser re-  
 „ cebido da maneira, que nós  
 „ desejamos.

- Não demoro a V. Excellen-  
 cia com particularidades da sua  
 joruada, posto que elle mesmo  
 tenha publicado huma larga Re-  
 lação della, cheia de muitas, e  
 pasmosas notícias, as quaes vol-  
 tando

tando eu para Inglaterra, provavelmente traduzirei, e darei á luz em huma obra completa: Baste presentemente, que quando elle chegou a estes sagrados dominios, a magnificencia com que appareceo em publico e a importancia de suas dádivas, não deixarão de lhe alcançar huma prompta entrada. Assignalarão-lhe salas no Sagrado Collegio, e foi assistido nas suas investigações por hum dos Lamas de maior erudição.

Cao-tsoû aqui se demorou quasi seis mezes, no qual espaço teve a consolação de descobrir muitas obras estimaveis da antiguidade: de algumas destas fez extractos mui curiosos, e conjecturou com tanto acerto, no que diz a respeito aos seus Autores, e aos tempos, em que florecerão, que

que dá clara prova do seu grande criterio, e penetração: e igualmente da sua vasta lição.

Mas a mais antiga Obra, que elle descobrio, a qual nenhum dos Iamas por muitos seculos podia interpretar, ou perceber, he hum pequeno systema de moral escrito na lingua, e Caracteres dos antigos Gymnosophistas, ou Bramins; mas quanto ao seu Autor, e tempo em que foi escrito, não se atreve asseverar cousa alguma. Esta Obra com tudo a traduzio inteiramente, ainda que, como elle mesmo confessa, com huma inteira incapacidade de conservar na lingua Chinezã, a força, e sublimidade do seu original. Os juizos, e pareceres dos Bonziis; e os Doutores Eruditos se achão ser muito diversos a respeito della.

lá. Aquelles que mais a admiração mostram summa vontade de a attribuir a Confucio, grande Filosofo da sua Nação, e vencem a difficuldade de elle ser escripto na liugua, e Caracteres dos antigos Bramins, supondo-a sómente huma traducção, e que a Obra original de Confucio pereceo. Alguns querem que ella seja os institutos de Laoquim, outro Filosofo Chinez contemporaneo de Confucio, e fundador da Seita denominada Tao-ssei; mas estes padecem igual difficuldade quanto á lingua, que aquelles que a attribuem a Confucio. Outros há, que por sinaes, e sentimentos particulares na mesma, a suppoem escripta pelo Bramim Dandamis, cuja famosa Epistola a Alexandre Magno, referem os Escritores da

Eu-

Europa. Com estes ultimos Caotsoû parece, que mais se inclina a concordar, ao menos em quanto ao julgar, que ella he na verdade obra de algum antigo Bramim, intimamente persuadido pelo espirito da mesma obra, que he traducção.

Huma cousa com tudo origina alguma duvida entre os sujeitos mencionadas, e vem a ser o plano da Obra, pois elle he inteiramente novo para com o povo do E'ste, e tão differente de seus usos, e costumes, que se não fora acharem-se nella algumas frases, ou modos de dizer proprio das Nações do E'ste como tambem a impossibilidade em que estão de dár razão porque ella foi escrita nesta mui antiga lingua; muitos julgarão ser obra de algum Escritor da Europa.

Mas



Mas qualquer que fosse o seu Autor, o grande brado que ella tem dado nesta Cidade, e por todo o Imperio, a grande anxia, com que he procurada de todo o genero de pessoas, e os altos Elogios que alguns lhe fazem, me determinou finalmente a traduzilla o melhor, que me foi possível na lingua Inglesa, maiormente não duvidando, que a sua traducção seria humã offeria agradável a V. Excellencia.

E o que me moveo mais que tudo a fazer esta tentativa foi especialmente o conhecer, que V. Excellencia felizmente não pôde formar hum recto juizo de quanto eu tenho faltado a igualar ao seu original, ou ainda á traducção Chinezã.

Huma cousa com tudo, pa-  
re-

rece-me carecer de apologia, ao menos que eu da mesma dê alguma razão; e he o estílo, e modo com que traduzi esta Obra. Posso sêgurar a V. Excellencia que quando primeiro empreendi traduzilla, não tinha a minima intenção de a traduzir por este methodo; mas o modo sublime de pensar que logo descubri na Introducção, a grande cnergia da expressão, e a brevidade das sentenças, conduzio-me naturalmente a fazer eleição desse Estílo. Julgo, que a ter hum tão excellente modello para me formar, como he a nossa versão do livro de Job, dos Salmos de David, dos Proverbios de Salomão, e dos Escritos dos Profetas, tem servido de alguma utilidade á minha traducção.

Tal, qual se acha, se ella  
sub-

subministrar algum recreio a V. Excellencia me reputarei por muito feliz; e na primeira Carta que lhe escrever, continuarei a fazer sciente a V. Excellencia da historia deste povo, e do seu vasto Imperio.

De V. Excellencia

O mais obsequioso, e humilde criado.

&c.

---

Additamento a Carta acima.

**A** Pequena Estampa inclusa, he copia de outra que se achou juntamente com o Manuscrito original, e que Cao-tsoû, poz no principio da traducção Chinezã.

## INTRODUCCÃO.

**I**nclinai as cabeças pera a terra, ó habitantes do Mundo! Guardai silencio, e recebei com reverencia a instrucção do Alto.

Por toda a parte, que o Sol illumina com o seu resplendor, por toda a parte por onde sopra o vento, por toda a parte onde houver ouvido para ouvir, e huma alma capaz de perceber, se publicuem os preceitos da vida humana, e as maximas da verdade sejam honradas, e obedecidas.

Todas as cousas procedem de Deos, seu poder he sem limites, sua sabedoria he de toda a Eternidade, sua bondade permanece para sempre.

Elle se assenta no centro entronizado, e o espirito, que respira, dá vida ao Mundo todo.

To-

Toca as Estrellas com o dedo, e ellas correm seu curso com alegria.

Anda por fóra sobre as azas do vento, e executa sua vontade por todas as Regiões do espaço sem limite.

A ordem, a formosura, a belleza, emanão da sua mão.

A vóz da sabedoria falla nas suas obras, mas o entendimento humano não chega a comprehendella.

A sombra da intelligencia, passa por cima do animo humano á maneira de hum sonho: elle vê como nas trevas, raciocina, e engana-se.

Mas a sabedoria de Deos, he como a luz do Ceo, elle não faz raciocinio; seu animo he a fonte da verdade.

A Justiça, e Misericordia,  
dian-

diante do seu Trono, esperão as suas ordens; a benevolencia, e o amor, resplandecem no seu semblante para sempre.

Quem iguála o Senhor na Gloria? Que poder contenderá com o Omnipotente? Iguála-o a'lguem na Sabedoria? E podemos nós comparar a bondade de alguem com a sua?

He este mesmo Deos, ó homem, que te creou: a vossa duração na terra, he fixada por sua ordem. Os poderes do vosso animo, são as dadivas da sua bondade; as maravilhas da vossa fabrica, são obra da sua mão.

Ouvi pois a-sua vóz, porque ella he benigna, e todo aquelle, que attende, estabelecerá a sua alma em paz, e alegria.

PAR



P A R T E I.

S E C Ç Ã O I.

*Das obrigaçoens, que dizem  
respeito ao Homem como  
individuo.*

A CONSIDERAÇÃO.

**M**EDITA no teu cora-  
ção, ó homem, e considera  
para que fim foste creado.

Contempla as tuas forças,  
contempla as tuas necessida-  
des, e as tuas Relações; des-  
ta sorte virás no conhecimen-  
to das obrigações desta vida,

A A e

e serás conduzido, como pela mão, por todos os teus caminhos.

Não te atrevas a fallar, ou a obrar antes de teres bem ponderado todas as tuas palavras, e feito exame particular das suas consequencias: Obrando desta sorte a deshonra voará mui longe de ti, e no teu domicilio a vergonha será desconhecida; o arrependimento não te visitará, nem a tristeza pouzará no teu rosto.

O homem de leveza de entendimento, não soffre freio na sua lingua, discorre sem principios, e vê-se embaraçado com a loucura do seu proprio raciocinio.



*da Vida Humana.* 3

A' similhaça de hum ho-  
mem, que correndo appres-  
sadamente, salta ao travez de  
huma cova, expondo-se a  
cahir em hum poço, em que  
elle não lança os olhos, as-  
sim obra hum homem, que  
subitamente se precepita a  
obrar alguma acção, sem  
bem ponderar suas conse-  
quencias.

Ouve pois, meu filho, at-  
tentamente a voz da con-  
sideração que vos admoesta;  
as suas palavras, são pala-  
vras de sabedoria, e seus ca-  
minhos vos levarão ao gozo  
da segurança, e da verdade.

## S E C Ç Ã O II.

*A Modestia.*

**Q**uem és tú, ó homem, que te jactas da tua propria sabedoria? ou porque motivo te glorias da tua propria Erudição?

O primeiro passo no caminho da sabedoria, he conheceres que és ignorante, e se não queres ser tido por mentecapto no conceito dos outros, livra-te da loucura de seres sabio no teu proprio conceito.

Da mesma sorte que hum vestido lizo orna melhor huma mulher fermosa, assim huns modos honestos fazem

*da Vida Humãna.* 5.

o maior ornamento da sabedoria.

A falla de hum homem modesto, dá novo lustre á verdade, e a desconfiança com que profere suas palavras, faz a apologia de seu erro.

Este não se estriba na sua propria sabedoria, pondera os conselhos de hum amigo, e delles colhe fructo sazonado.

Afasta os ouvidos do seu proprio louvor, e não o pode acreditar: elle he o ultimo no descobrimento das suas proprias perfeições.

Com tudo, qual hum véo, que augmenta a formosura, assim suas virtudes, assistidas pelas sombras, com que

a sua modestia as encobre, se fazem mais resplandecentes.

Mas vede o homem vaidoso, e observai o soberbo; elle veste-se de esplendidos vestidos, passa pelas ruas publicas, lança ao redor de si os olhos, e solícita que o observem.

Levanta soberbamente a cabeça, e olha os pobres com summo desprezo; trata os seus inferiores com insolencia, e os seus superiores por paga olhão a sua soberba, e loucura com rizo.

Elle despreza os juizos dos outros, confia no seu proprio conselho, e vê-se confundido.

Eu-

*da Vida Humana.* 7

Ensoberbece-se com as suas vaidozas imaginações; todo o seu recreio he ouvir fallar de si mesmo, desde a manhã até a noite.

Traga com voracidade o seu proprio louvor, e o lizongeiro por paga o come todo.

## S E C Ç Ã O III.

*A Applicaçãõ.*

**J**A' que os dias que se tem passado, passarão para sempre, e os que hão de vir não virão para ti, pertencente, ó homem; occupares o tempo presente, sem sentires magoa pelo preterito, ou ni-miamente confiares no futuro.

O presente momento he teu, o outro está no ventre do futuro; e tu ignoras o que elle dará á luz.

Qualquer cousa que te resolves fazer, faze-o sem demora, não deixes para a tarde, o que de manhã podes completar.

*da Vida Humana.* 9

A ociosidade he mãi da pobreza, e do termento, mas o trabalho da virtude origina hum verdadeiro prazer.

A mão da deligencia vence a pobreza; a prosperidade, e a ventura são servos do homem laborioso.

Quem he, que adquire riquezas, que se eleva ao poder, que se reveste de honras, de quem se falla pela Cidade com louvor, e que assiste na presença da Magestade aos seus Conselhos? Aquelle que nega entrada á ociosidade dentro do seu domicilio, e diz á frouxidão, tú és minha inimiga.

Este levanta-se cedo pela manhã, e deita-se tarde á

A v

noi-

noite; exercita o seu animo com a contemplação, o seu corpo com a actividade, e assim conserva a saude, tanto de hum como de outro.

O Homem vagaroso he molesto de si mesmo; suas horas lhe fazem grande pezo no seu animo, desperdissa o tempo, e não sabe o que deve obrar.

Seus dias passam como a sombra de huma nuvem, e não deixão a poz de si vestigio algum de ter já mais existido.

Seu corpo he sogeito a enfermidades, por falta de exercicio, deseja ser activo, mas não tem poder para se mover; seu animo jaz no  
meio.



*da Vida Humana.* 11

meio das trevas, seus pensamentos são confuzos; appetesse a sabedoria, mas falta-lhe a applicação. Quer comer da Amendoa, mas aborrece-lhe o trabalho de lhe quebrar a casca.

Sua casa se perturba; seus servos estragão-no, e se ensoberbecem, e elle apreça-se á sua ruina. Vê-o com seus olhos, ouve-o com seus ouvidos; sacode a cabeça, mas falta-lhe a resolução: até que a ruina cahe sobre elle á maneira de hum redomoinho de vento, e a vergonha, e arrependimento descem com elle para a sepultura.

## S E C Ç Ã O IV.

*A Emulação.*

**S**E a sede da honra se apodéra da tua alma, se o teu ouvido se recreia de alguma sôrte com a voz do louvor, levanta-te da terra da qual foste formado, e eleva as tuas idéas a alguma cousa louvavel.

O Carvalho que agora estende os seus ramos, e os dirige para o Ceo, não foi antigamente mais que humalanda enterrada nas entranhas da terra.

Esmera-te em seres superior na tua vocação, qualquer

quer que ella seja , e não permittas que outro exceda na tua intenção: Com tudo não tenhas inveja do merecimento alheio , mas augmenta quanto couber no possível os teus proprios talentos.

Tende horror de opprimir vosso Emulo por meios de vileza , ou indignos de homem de bem , tenta o elevar-te acima d'elle , sómente excedendo-o: desta sôrte a tua contenda pela victoria será corçada com honra , e talvez com successo.

Por huma virtuosa Emulação o espirito do homem se exalta , e enobrece , palpita o seu coração para alcançar a gloria , e se alegra

á maneira de hum volante para correr a sua carreira.

Elle se eleva á similhaça da palmeira, a pezar de ser opprimido; e á maneira de huma Águia no firmamento dos Ceos, toma alto vôo, e fixa seus olhos sobre a Magestade do Sol.

Os exemplos dos homens eminentes se lhe representam por sonho, e seu prazer he sempre seguillos, e imitallos.

Fórma grandes designios, alegra-se na sua execuçaõ, e sua fama se estende por toda a redondeza da terra.

Mas o coração do homem invejoso, he todo fel, e amargura; sua boca lança de  
si

*da Vida Humana.* 15<sup>o</sup>

si veneno; a felicidade do seu vesinho perturba o seu descanso.

Jaz no seu cubículo lastimando-se, e todo o bem, que a outro acontece, he para elle hum verdadeiro mal.

O odio, a inveja, alimentão-se no seu coração, e nelle se não acha socego.

Sente seu proprio peito destituido de todo o amor do bem; e temerario fórma o mesmo juizo de seu vesinho.

Esmera-se em abater todo aquelle, que o excede, e intrepeta maliciosamente todas as suas obras.

Poem-se á espreita, e medita cousas malvadas, mas

a detestação dos homens o  
persegue, fica comprimido,  
qual a Aranha na sua pro-  
pria têa.

SECÇÃO V.

*A Prudencia.*

**D**Ai ouvido ás palavras da prudencia, attendei aos seus conselhos, e intezourai-os no vosso coração: as suas maximas são universaes, e todas as virtudes se encostão a seu lado, ella he a aguia, e a senhora da Vida Humana.

Ponde hum freio na vossa lingua, e huma guarda ante os vossos beiços, com receio que as palavras da vossa boca deitem a perder a vossa paz, e secego.

Aquelle que escarnesse dos  
alei-

aleijados, acautele-se que elle mesmo não manqueeje: Todo aquelle que falla com gosto dos defeitos alheios, ouvirá dos seus proprios com o coração cheio de amargura.

Do fallar muito nasce o arrependimento; mas do silencio a segurança.

Hum homem loquaz, serve de detrimento á sociedade; o ouvido molesta-se com as suas muitas parvoisses; a torrente das suas palavras suffoca a conversação.

Não vos vanglorieis de vós mesmo, pois isto dará causa a vosso desprezo: nem escarneçais de pessoa alguma, porque he cousa perigosa.

Hum graça amarga, he



o veneno da amizade; e quem não póde refrear a lingua, terá por castigo trabalhos.

Fazei provisão de todas as commodidades idoneas para vosso estado, mas não dispendais quanto admitem as vossas posses, para que a providencia da vossa mocidade, seja a consolação da vossa velhice.

Empregai toda a vossa attenção nos vossos proprios negocios, deixai o cuidado do estado áquelles, que o governão.

Não façais nimias despesas com os vossos divertimentos a fim que o trabalho de os alcançar, não ex-  
ce-

ceda o prazer, que tendes em os gozar.

Nem soffrais, que a prosperidade arranque os olhos da circumspecção, nem que a abundancia corte as mãos da parcimonia: aquelle que nimiamente goza das superfluidades da vida, vivirá para lamentar a falta do precizo.

Não dêis credito a ninguém antes de o teres experimentado; com tudo não desconfies delle sem razão, pois isto he falta de caridade.

Mas depois de teres provado hum homem, e descuberto nelle principios de honra, enserra-o no teu cora-

ração como hum Thesouro; considera-o como huma joia de preço inestimavel.

Não queirais acceitar os favores de hum homem interessado, rejeitai as benignas offertas de huma pessoa malvada, ellas serão para vós hum enredo, e o jugo que vos impozer gravará vossa alma.

Não gasteis hoje o que á manhã podereis carecer, nem deixeis ao acaso, o que a prespicacia póde prevenir, ou o cuidado prevenir.

Da experiencia dos outros aprendei sabedoria, e dos seus defeitos corriji vossos proprios erros. Com tudo,

do, não vos lisongieis, que a mesma prudencia vos dará hum infalivel successo, pois o dia ignora o que a noite trará consigo.

O idiota não he sempre desafortunado, nem o Sabio sempre bem succedido; nem já mais o idiota gozou de perfeita felicidade, nem o Sabio foi inteiramente infeliz.

S E C Ç Ã O VI.

*A Fortaleza.*

**O**S perigos, as infelici-  
dades, as necessidades, as  
penas, as injurias, são mais,  
ou menos o fado certo de  
todo o homem, que vem a  
este Mundo.

Convem-vos pois, ó filhas  
da calamidade, de ante mão  
revestir-vos de esforço, e  
paciencia, para podereis sup-  
portar com animo a por-  
ção da humana miseria, que  
vos está destinada.

A' similhaça do Came-  
lo, que sobre o trabalho, o  
calor, a fome, a sede, por  
de-

dezertos de areia, e não desmaia, a fortaleza do homem o sustentará no meio dos perigos, e das desgraças.

Hulna alma generosa despreza a malignidade da fortuna; a grandeza de seu Espirito já mais se deixa abater.

Quem obra desta maneira não consente, que a sua felicidade penda dos agrados da fortuna; e por este motivo, quando ella carga a sobranceira, não experimenta desfalecimento.

Qual hum rochedo na praia do mar: elle se sustenta com firmeza, e o assoute das ondas não perturba o seu descanso.

Le-

Levanta a cabeça á maneira de huma Torre edificada sobre hum Monte, e as settas da fortuna cahem a seus pés sem lhe causar danno.

No dia de sua infelicidade, a fortaleza de seu coração o sustenta, e a firmeza de seu animo o defende.

Encontra os males desta vida, como hum homem, e não tendo valerosamente peido, e vencido a batalha, volta com a victoria na mão.

Debaixo do pezo de seus fortunios, sua brandura atiga o seu sentimento; e a constancia de seu animo o habilita para os vencer.

Mas o espirito cebarde de

B hum

hum homem medroso , o entrega á vergonha.

Encolhendo-se debaixo da pobreza , se abate com vileza , e soffrendo affrontas , convida as injurias.

Como huma Cana se abala com o alito do ar , assim a sombra do mal o fez estremecer.

Na hora de suas desgraças , ve-se embaraçado , e confuso , no dia do infortunio , descorçoa , e a desesperação se a podera inteiramente da sua alma.



S E C Ç ã O VII.

*O Contentamento.*

**N**ão te esqueças, ó homem, que o teu estado na terra he simulado pela sabedoria do Eterno, que conhece o teu coração, que vê a vaidade de todos os teus desejos e que frequentemente pela sua misericórdia te nega o que lhe pedes.

Com tudo, no que respeita a todos os teus licitos desejos, a todos os teus esforços honrados, a sua benevolencia tem estabelecido na natureza de tudo huma probabilidade de successo.

Os desgostos que tú sentes, os infortunios que lastimas, eis-aqui a raiz donde elles nascem; a tua propria loucura, a tua propria soberba, a tua propria imaginação desordenada.

Não murmures pois das dispensações do Altissimo, mas emenda o teu proprio coração, nem digas a ti mesmo; se eu tivesse riquezas, eu podêr, ou descanso, seria feliz; pois sabe que todas estas cousas trazem consigo aos seus diferentes possuidores, seus particulares incommodos.

O pobre não vê as vexações, e angustias do rico, não sente as dificuldades, e  
per-

perplexidades, que acompanham o poder; nem sabe o desgosto que traz consigo a ociosidade; e por este motivo he que elle se lastima da sua propria sorte.

Mas não invejes a apparencia da felicidade do teu proximo, pois ignoras as suas occultas afflicções.

O estares satisfeito com pouco, he a maior sabedoria; e quem augmenta as suas riquezas, augmenta tambem os seus cuidados; mas hum animo contente, he hum occulto thesouro, e os trabalhos não o descobrem.

Com tudo, se não permitires os attractivos da fortuna roubarem-te a justiça,

ou a temperança, a caridade, ou a modestia, as mesmas riquezas não te farão infeliz.

Mas daqui aprenderás que o caliz da felicidade puro, e estreme, não he de nenhuma sórte bebida para o homem mortal.

A virtude he a carreira, que Deos lhe tem dado para correr; e a felicidade a baliza, á qual ninguem pôde chegar até ter findado seu curso destinado, e recebido a sua corôa nas habilitaçoes de huma Eternidade.

S E C Ç ã O VIII.

*A Temperança.*

**O** Modo com que poderás gozar da maior felicidade desta parte da sepultura, he o desfrutares do Ceo intendimento e saude.

Se possues, e queres conservar estas bençoens até a velhice, evita os engodos da luxuria, e foge das suas tentações.

Quando huma meretriz estende seus delicados manjares na meza, quando o seu vinho scintila no teu copo, quando ella se sorri para ti,

e tenta persuadir-te que sejas alegre, e feliz, então está chegada a hora de imminente perigo, tenha-se pois a razão bem firme na sua defeza.

Porque se deres ouvido ás palavras de teu inimigo, ficas enganado, e entregado.

A alegria que ella promette, se muda em loucura, e os seus gozos encaminhão para doenças, e para a morte.

Olha para o redor da sua meza, lança os olhos para seus hospedes, observa aquelles, que forão atrahidos com seus afagos, que attenderão ás suas tentações.

Não são estes macilentos,

vos, a força habita nos seus ossos, e o trabalho faz as suas delicias desde a manhã até á noite.

As occupaçoens de seu Pai, estimulão os seus appetites, e os manjares de sua Mãi os refrigera.

O combater as paixões, faz as suas delicias, o vencer máos habitos a sua gloria.

Seus prazeres são moderados; e por isso durão; seu somno he breve; mas profundo, e sem perturbação.

Seu sangue he puro, seus animos socegados, e o Medico ignora o caminho para os seus domicilios.

Mas a segurança não ha-

B VI bita.

bita com os filhos do homem ,  
nem a constancia dentro da  
sua porta se encontra.

Vede-os continuamente ex-  
postos a perigos exteriores ,  
em quanto hum traidor de  
dentro está esperando a oc-  
casião de os entregar.

Sua saude, seu vigor, sua  
formosura , sua actividade ,  
tem excitado os desejos de  
hum amor lascivo.

Ella está copada com o  
seu arvoredos ; de lá solici-  
ta , que a observem ; esten-  
de suas tentações.

Seus membros são moles ,  
e delicados , seus vestidos es-  
tão soltos , e convidão ; a le-  
veza falla nos seus olhos , e so-  
bre seu seio assenta a tenta-  
ção.

Ase-



tos, doentios, languidos?

A's suas breves horas de alegria, e desenvoltura, se seguem enfadonhos dias de dôr, e abatimento; ella tem de tal sôrte viciado, e corrompido seus Palladares, que elles já não desçobrem sabor algum nos seus manjares os mais deliciosos.

Os seus apaixonados se tem feito as suas victimas; justa, e natural consequencia, que Deos determinou na constituição das cousas, para o supplicio daquelles, que abuzão de seus beneficios.

Mas quem he esta que com passos graciosos, e com hum. ar. vivo, sereno, pare-

ce que v<sup>o</sup>a pelo Prado além ?

A Roza se pinta na sua face; a doçura da manhã respira nos seus labios; a alegria temperada com a innocencia, e a modestia, resplandece nos seus olhos; e do prazer do seu coração canta nos seus passeios: esta appellida-se saude.

Ella he filha do exercicio, que a gerou da temperança: seus filhos habitão os montes, que se estendem por cima das Regioens do Norte de *Santon Hoê*.

Elles são valerosos, diligentes, e vivos, e participão de todas as formosuras, e virtudes de sua Irmã.

O vigor aperta seus ner-

VOS,



P A R T E II.

DAS PAIXOENS.



S E C Ç Ã O I.

*A Esperança, e o Temor.*

**A**S promessas da Esperança são mais doces que as Rozas quando florecem; e muito mais lisongeiras para com a expectação; mas os ameaços de temor atterro o coração.

Com tudo, não permittas  
que

que a esperança te allucine, nem o temor te atemorize de fazeres o que for justo e recto; assim estarás disposto para encontrares todos os eventos com hum animo socegado.

Ainda os terrores, que causa a morte, não são terrores para com os bons: guarda a tua mão de commetter algum delicto, e a tua alma não terá nada que temer.

Em todas as tuas empresas, huma bem fundada esperança, anime teus honrados esforços: se desesperas de ter bom successo, certamente não o terás.

Não atemorizes a alma com vãos temores, nem permit-

*da Vida Humana.* 37

Acena-lhes com o dedo, enternece-os com seus afagos, e com a bandura das suas palavras se esméra em enganar.

Oh! foge dos seus attractivos, não dêes ouvidos ás suas palavras encantadoras: se tú encontras a languidez dos seus olhos, se ouves a brandura da sua voz; se ella lança seus braços ao redor do pescoço, prende-te com cadêas para sempre á vergonha; daqui se segue, a doença, e a pobreza, os cuidados, e o arrependimento.

Debilitado pela libertinagem, affroxado pela luxuria, amolecido pela pregui-

guiça ; a força desempara-  
rá teus membros , e a saude  
teu temperamento ; teus dias  
serão poucos , e esses inglo-  
riosos , tuas afflicçoens serão  
muitas , mas não acharão  
compaixão.

mittas que o coração em ti  
desfaleça com os fantasmas  
da imaginação.

Do temor nasce o infor-  
tunio, mas quem conserva  
a esperança serve-se a si  
mesmo.

Qual o Abestruz persegui-  
do, esconde a cabeça, es-  
quecendo-se do corpo; os te-  
mores de hum cobarde, o  
expoem a maiores perigos.

Se tú reputas huma cou-  
sa impossivel, a tua frouxi-  
dão a fará assim; mas quem  
persevera constantemente,  
vencerá todas as difficuldades.

Huma vã esperança li-  
songea o coração de hum  
louco, mas hum discreto,  
não a prosegue.

Em

Em todos os teus desejos, conserva sempre a razão por companheira; e não fixes a tua esperança além dos limites da probabilidade; obrando assim, tuas empresas serão coroadas de feliz successo, teu coração não se angustiará com enganosa.



S E C Ç Ã O II.

*A alegria, e a Tristeza.*

**N**ão te elevés com tão excessiva alegria, que cause a perturbação no teu animo, nem consintas, que a tristeza te seja tão pezada, que te opprima o coração : Este Mundo não nos concede bem algum, que tanto nos transporte, nem nos inflige mal algum tão severo, que nos deva exaltar muito acima, ou descer muito abaixo da balança da moderação.

Vêde acolá a casa de alegria; ella está pintada por só-

fóra, e parece airoza, tú a poderás conhecer pelo continuo ruído de alegria, e jubilo, que lá se ouve.

A Dama está á porta, e chama com altas vozes a todos, os que passão. Ella canta, grita, e dá rizadas continuamente.

Ella os convida, que entrem para dentro, e que gozem dos prazeres da vida, e lhe diz que estes não se achão em parte alguma, se não debaixo do seu tecto.

Mas não entres dentro da sua porta, nem acompanhes com aquelles, que frequentão sua casa.

Elles se chamão a si os filhes de alegria, riem, e pa-

parecem cheios de contentamento, mas o desatino, e loucura, se achão em todas as suas obras.

Elles estão prezos com espreites, e malignos vinculos, e não os une, e os seus passos se encaminhão para o mal: os perigos os cercão, e o abismo da destruição se abre para os sepultar.

Lançai agora os olhos para outro lado, e vêde naquella valle coberto de sombras, escondido da vista dos homens, a habitação da tristeza.

Seu peito arranca suspiros; sua boca se enche de lamentações, toda se recreia meditando sobre as miserias da vida humana.

Olha

Olha para os ordinarios infertunios da vida e chora: a fraqueza, e maldade do homem, he o assumpto de seus discursos.

Toda a natureza figura-se-lhe cheia de iniquidade; todo o objecto que vê, está tinto com a escuridade do seu porprio animo; e a voz do pranto de dia, e de noite entristece sua habitação.

Não vos aproximeis de sua morada; seu álito he infeccionado, elle queimará es fructos, e fará murchar as flores, que adornão, e dulcificação o jardim da vida.

Evitando a casa da alegria, guarda teus pés de te  
en-

entregarem aos confins desta triste pouzada, e segue com cuidado o caminho medio, que te levará por huma facil subida ao Templo do contentamento.

Com elle habita a paz, a segurança, e a tranquillidade. Elle he airoso, mas não alegre: he sério, mas não pezado: olha as alegrias, e as tristezas da vida com constancia, e serenidade.

Daqui, como de huma eminencia, verás a loucura, e miseria daquelles, que conduzidos pela alegria de seus coraçoes, tomão a sua pouzada, junto aos companheiros do prazer, e da alegria matirosa; ou inficionados

dos com tristeza, e malancolia, passam todos seus dias queixando-se amargamente das misérias, e calamidades da vida humana.

Olharás huns, e outros com compaixão; e o erro de seus caminhos guardará teus pés de vaguiarem.

SECÇÃO III.

*A Cólera.*

**A** Similhança de hum re-  
domoinho no seu furor, que  
arranca arvores pelas raizes,  
e desfigura a face da natu-  
reza; ou á similhança de  
hum terremoto, que nas suas  
convulções subverte Cidades  
inteiras; assim a cólera de  
hum homem irado lança ao  
redor delle desfavoraveis suc-  
cessos; o perigo, e a des-  
truição o esperão a seu  
lado.

Mas considera, e não te

C

es-

esqueças da tua propria fraqueza, assim saberás perdoar as faltas dos outros.

Não te entregues á desenfreada paixão da cólera; isto seria o mesmo, que afiarés huma espada para ferires o teu proprio peito, ou matares hum amigo.

Se soffreres leves improperios com paciencia, isto se te imputará por sabedoria; e se os riscares da tua lembrança, teu coração sentirá descanço, teu animo não te arguirá.

Não vês, que o homem irado perde o seu entendimento? Em quanto estás em teu juizo perfeito, sirva-te de exemplo a demencia alheia.

Não



Não obres cousa alguma, em quanto a paixão te governa: porque has tu de querer ir para o mar em huma violenta tempestade?

Se te he difficultoso o regeres a tua cólera, obrarás sabiamente evitando-a: foge pois, tudo o que póde incendiar a tua cólera, ou evita as occasiões, que a possam excitar.

O louco ira-se com ditos insolentes, mas o Sabio tem-nos em summo desprezo.

Não dêes á vingança entrada no teu peito; isto te atromentará o coração, e desfigurará suas melhores inclinações.

Sê sempre mais prompto

C M

a

a perdoar, que a vingar huma injuria: quem procura huma occasião para a vingança, procura o seu proprio desasocego, e arrasta infortunios sobre sua propria cabeça.

Huma branda reposta ao homem irado, como agoa lançada sobre o fogo, abate seu calor; e de inimigo se torna em amigo.

Considera, quam poucas cousas merecem a tua ira, e te espantarás, que pessoa alguma, não sendo louca, se agaste.

A cólera traz sua origem da loucura, ou da fraqueza; mas conserva na lembrança, e tem por certo, que

*da Vida Humana.* 53

que poucas vezes acaba sem o arrependimento.

Diante da loucura anda a vergonha; após a ira segue-se o remorso.

## S E C Ç Ã O IV.

*A Compaixão.*

**A**ssim como as flores, e folhas se espalhão sobre a terra pela mão da Primavera; assim como a liberalidade do Verão, produz na sua perfeição as dadas da colheita; da mesma sorte os olhos da compaixão, derramão benções sobre os filhos da infelicidade.

Quem se compadece das miserias alheias, faz-se re-commendavel a si mesmo: mas quem não tem compaixão, não a merece.

O cortador não se condoe dos balidos da ovelha; nem o coração do cruel se move com as desgraças.

Mas as lagrimas dos compadecidos, são mais doces do que as gottas do orvalho, que cahem das Rozas sobre o seio da terra.

Não feches pois os ouvidos aos clamores dos pobres, nem indureças o coração contra as calamidades dos innocentes.

Quando os orfãos te procurão, quando o coração da viuva está opprimido, e implora a tua assistencia com lagrimas de tristeza; oh! compadece-te da sua afflicção, e estende a mão áquelles

que não tem quem os soccorra.

Quando vez o nú vagabundo nas ruas, tremendo com frio, e falto de habitação, abra a liberalidade teu coração; as azas da caridade o defendão da morte, a fim que tua propria alma possa viver.

Em quanto o necessitado geme sobre o leito da doença; em quanto os desgraçados esmorecem nos horrores de huma prizão; ou a cabeça cheia de cans da velhice se vira para ti com olhos debeis, supplicando tua compaixão; oh! como podes ser estragado, gozando de superfluidades, desprezando as suas necessidades, não sintindo as suas miserias.

SEC-

SECÇÃO V.

*O desejo e o Amor.*

**A** Cautela-te mancebo, a cautela-te dos atractivos da obscenidade, e não te deixes levar pela meretriz a inebriar-te com os seus prazeres.

A loucura do desejo, lançará a perder, o que elles appetecem; da cegueira do seu furor te precipitarás na tua propria ruina.

Não entregues pois teu coração ás suas doces instigações, nem sofras, que a tua alma caia na escravidão pelos seus iluzorios encantos.

A fonte da saude, que deve supprir a corrente do prazer, brevemente secará; e toda a origem da alegria será exaurida.

Na Primavera da tua vida, a velhice te alcançará, teu Sol se porá na manhã de teus dias.

Mas quando a virtude, e a modestia, dão ornamento a seus encantos, o lustre de huma mulher formosa tem resplendor igual ás estrellas do Ceo, e a influencia do seu poder he inteiramente irresistivel.

A brandura de seu rosto excede á do Lirio; seu riso he mais deleitavel, do que hum Jardim de Rosas.



A innocencia de seus olhos, assemelha-se á da rola; a simplicidade, e a verdade, habitão no seu coração.

Os osculos da sua boca, são mais doces que o mel; os aromas de Arabia respirão dos seus beijos.

Não feixes pois teu peito, á ternura do amor; a pureza da sua chamma ennobrecerá teu coração, e o abrandará para receber as melhores impressões.

*\* Mas sabe, que se o abrigues a seus attractivos encantos, se cahires temerariamente no seu cativeiro, sem*

C VI *pri-*

---

\* Additamento de hum Anonymo.

primeiro fazeres o alto Ceo propicio a teus justos desejos, celebrando legitimos desposorios, todas as tuas lisongei-ras esperanças de beberes grandes tragos do copo da felicidade, serão como fructos ainda mal sazonados, que o mais leve nevoeiro queima, e em lugar de Nectar celestial, não acharás nelle, se não fel que te cortará as entranhas, e veneno, que empessonhará todos os prazeres de tua vida.



P A R T E III.

*Do que respeita á mulher.*

**D**A ouvido , ó tú , que és feroso objecto dos attractivos do amor ás instrucções da prudencia, e consente que os preceitos da verdade se imprimão profundamente no teu coração : assim os encantos de teu animo , accrescentaráõ hum vivo lustre á elegancia da tua forma ; e a tua belleza, assim como a Rôza, a que se assemelha, conservará a sua doçura quando sua flor se murcha.

Na

Na Primavera da tua mocidade, na manhã dos teus dias, quando os olhos dos homens te admirão com deleite, e a natureza te diz brandamente ao ouvido, o que significão as suas vistas, oh! ouve com cautella as suas palavras allucinadoras, guarda bem teu coração, nem dêes ouvido ás suas ternas persuasões.

Lembra-te que fostes creada para companheira racional do homem, não para escrava da sua paixão; o fim do teu Ser não he meramente para gratificares seus licitos dezejos, mas para lhe assistires nos trabalhos da vida, para o pacificares com

a tua brandura, e para recompensares o seu cuidado com ternas caricias.

Qual he a Donzella, que ganha o coração do homem, que o attrahe amar, e reina no seu peito?

Ella alí passeando com doçura virginal: com innocencia no seu animo, e modestia na sua face.

Sua mão procura occupação, seus pés não se deleitam vagueando por fóra.

Ella está vestida com limpeza, he alimentada com a temperança; a humildade, e a submissão: qual huma coroa de gloria, cingem sua cabeça.

Na sua lingua se acha a  
mu-

musica, a doçura do mel se derrama de seus labios.

A decencia resplandece em todas as suas palavras, nas suas respostas reina a brandura, e a verdade.

A submissão, e a obediencia, são as lições da sua vida, e a paz, e felicidade constituem sua recompensa.

Diante de seus passos anda a prudencia, e a virtude acompanha-a á sua mão direita.

Seus olhos fallão a ternura, e o amor; mas a descripção com hum Sceptro pouza no seu semblante.

A lingua do licencioso embaça-se na sua presença, o respeito da sua virtude o faz estar silencioso.

Quan-

Quando ha escandalo, e a fama de seu visinho passa de lingua a lingua; se a caridade, e o bom genio não abrem a sua boca, o dedo do silencio, não se a parta de seus labios.

Em seu peito habita a bondade, e por isso não suspeita mal algum em os outros.

Feliz seria o homem, que a fizesse sua Esposa, feliz o filho, que a chamasse Mãe.

Ella preside em casa, e ahi reina a paz; manda com juizo, e lhe obedecem.

Levanta-se de madrugada, considera as suas occupações, e determina a cada hum o que lhe pertence.

O cuidado da sua familia,

lia he seu maior deleite ; a isso applica todo o seu cuidado , e a decencia , e frugalidade , se admira na sua morada.

A Prudencia de seu Governo , condecora a seu marido e elle ouve o seu louvor com hum mui singular prazer.

Ella instrue os tenros animos dos seus meninos com sabedoria , forma seus costumes , e os inclina para a bondade com seu proprio exemplo.

Os seus dictames estabeleſse a Lei da sua mocidade ; o movimento de seus olhos clama pela sua obediencia.

Falla , e seus servos voão ,  
apon-



aponta , e logo que se cumpre e que ordena: a Lei do amor está nos seus corações; sua benignidade lhes dá azas.

Na prosperidade não se ensoberbesse: na adversidade sára as feridas dos infortunios com a paciencia.

Os trabalhos de seu marido se aleviãõ com os seus conselhos, e se adoção com as suas caricias, elle deposita o seu coração no seu peito, e recebe consolação.

Feliz o homem que a elegeo por Esposa; feliz o filho que a chama Mãi.



## P A R T E IV.

*A Consanguinidade, ou parentes naturaes.*



## S E C Ç ã O I.

*M A R I D O.*

**C**Onstitue a quem amas, tua mulher, obedece ao que Deos ordena; e faze-te hum fiel membro da sociedade.

Mas examina com cuidado, e não determines subitamente; da tua presente eleição depende a futura felicidade.

licidade, de ti, e de teus ascendentes.

Se desperdissa muito tempo em se vestir, e adornar, se se namora da sua propria belleza, e se deleita com o seu proprio louvor; se ri muito, e falla alto; se seus pés não parão na casa de seu Pai, e se olha descara-da para os rostos dos homens, inda que a sua belleza fosse como o Sol no firmamento dos Ceos, volta a tua cara dos seus encantos, volta os teus pés dos seus caminhos, e não permittas á tua alma o cativar-se pelas illuzões da tua imaginação.

Mas quando descobres sensibi-

sibilidade do coração, unida com a doçura dos costumes; hum animo completo, que agrade á tua fantazia, toma-a para tua casa, ella he digna de ser tua amiga, tua companheira para a vida, a mulher do teu peito.

Oh! conforta-a como huma benção, que o Ceo te in-via, o modo benigno de te comportares com ella sirva de estreito vinculo ao vosso amor.

Elia he senhora da tua casa, trata-a pois com respeito, para que os teus servos a obedeção.

Não te opponhas sem causa grave ás suas inclinações, ella he a companheira dos  
teus

teus cuidados, constitue-a  
tambem companheira dos  
teus gostos.

Reprova as suas faltas com  
brandura, não insistas rigoro-  
samente sobre a sua obediên-  
cia.

Fia os teus segredos do  
seu peito, seus conselhos são  
sincéros, com elles não fica-  
rás enganado.

Sê fiel ao seu leite; pois  
ella he a Mãi dos teus filhos.

Quando a dor, e a doen-  
ça a assaltão, tua ternura  
alivie sua afflicção: huma tua  
vista de compaixão, e de  
amor suavizará seus cuida-  
dos, mitigará a sua dor,  
e lhe aproveitará mais, que  
dés Medicos,

Con-

Considera a delicadesa de seu sexo, a brandura da sua fôrma, e não sejas severo para com as suas fraquezas, mas lembra-te da tua própria imperfeição.

SECÇÃO II.

P A I.

**C**onsidéra tú que és Pai,  
a importancia do teu cargo;  
e ser que tens produzido per-  
e conserve-te conservallo.

De ti tambem depende,  
e o filho do teu peito te  
erá huma benção, ou hum  
castigo do Ceo; hum util,  
ou hum inutil membro da  
sociedade.

Prepara-o sedo com ins-  
trução, e sazona seu ani-  
mo com as maximas da ver-  
dade.

Espreita a propensão da  
sua natureza, dirige-o recta-

D  
men-

mente na sua mocidade, e não permittas nenhum máo habito fortificar-se com os seus annos.

Assim elle se elevará á maneira de hum Cedro sobre as montanhas; sua cabeça se verá por cima das arvores das florestas.

Hum filho perverso faz o opprobrio de seu Pai, mas aquelle, que obra rectamente, condecora suas cans.

O terreno he teu proprio, não debes faltar a cultivallo; a semente que semeias, essa mesma colherás.

Ensina-lhe a obediencia; e elle te abençoará: ensina-lhe a modestia, e se não envergonhará.

En-



Ensina-lhe a gratidão, e receberá benefícios: ensina-lhe a caridade, e será amado.

Ensina-lhe a temperança, e terá saúde: ensina-lhe a prudencia, e será bem sucedido.

Ensina-lhe a Justiça, e todo o Mundo o respeitará: ensina-lhe a sinceridade, e o seu proprio coração não o arguirá.

Ensina-lhe a diligencia, e suas riquezas se augmentarão: ensina-lhe a benevolencia, e seu animo se exaltará.

Ensina-lhe a sciencia, e sua vida será útil; ensina-lhe a Religião, e sua morte será feliz.

## S E C Ç Ã O III.

## F I L H O.

**D**E todas as creaturas de Deos, o homem aprenda a sabedoria; e applique a si mesmo as instrucções, que elle lhe subministrão.

—Vai para o deserto, meu filho, observa a nova Cegonha das florestas; falle esta a teu coração; ella sustem sobre as suas azas seu Pai quebrantado com os annos; deposita-o em segurança, e lhe procura o seu alimento.

A piedade de hum filho, he na verdade mais doce do que

que o incenso da Persia,  
de que se faz oblação ao  
Sol. Sim, he ainda mais  
deleitavel, que os cheiros,  
que o vento Oéste faz res-  
pirar de hum Prado de es-  
peciaria Arabica.

Sê pois grato a teu Pai,  
porque te deu a vida; e a  
tua mãi, porque padecco  
por tua causa.

Ouve as suas palavras,  
porque são dirigidas ao teu  
proveito; da-lhe ouvido quan-  
do te admoesta, porque he  
effeito de seu amor.

Elle tem vigiado para a  
tua felicidade, tem labora-  
do para teu descanso, dá  
pois honra á sua velhice, e  
não permittas, que as suas

cans sejam tratadas irreverentemente.

Reflecte sobre a tua debil infancia, e impertinencias da tua mocidade, trata com indulgencia as enfermidades de teus pais, alcançados pelos annos, assiste-lhes, e protegê-os na decadencia da sua idade.

Destá sorte, suas cabeças cubertas de cans, descerão em paz para a sepultura, e teus proprios filhos, reverenciando teu exemplo, pagarão a tua caridade com hum filial amor.

S E C Ç ã O IV.

I R M ã O S.

**V**O's sois filhos de hum só Pai, alimentados pelo seu cuidado, e o peito de huma só Mãi vos tem dado sustento.

Unão-vos pois os vinculos do affecto com os vossos Irmãos, a fim que a paz, e felicidade, habitem na casa de vosso Pai.

E quando no Mundo vos apartardes, lembrai-vos do Parentesco que vos obriga a vos amardes mutuamente, e a vos unirdes; e não pre-

frais hum estranho ao vosso proprio sangue.

Se teu Irmão está na adversidade assiste-lhe; se tua Irmã estiver vexada, não a desempares.

Praticando estes conselhos os bens de teu Pais contribuirão ao seccorro de toda a sua ascendencia; e o seu cuidado se continuará para com vosco pelo mutuo amor, que fareis reinar entre vós.

PAR-



P A R T E V.

*A providencia, ou as differenças casuaes entre os homens.*



S E C Ç ã O I.

*Sabios, e Ignorantes.*

**O**S dotes dos talentos da natureza são os Thesouros de Deos, e os destribue conforme he servido.

D v

Se

Se te dotou de sabedoria, e illuminou teu animo com o conhecimento da verdade, communica-a aos ignorantes para seu ensino; e aos sabios para teu proveito.

A verdadeira sabedoria tem menos presumpção que a loucura. O sabio frequentemente duvida, e muda de parecer. O louco he obstinado, e de nenhuma sorte duvida; julga que tudo conhece, e ignora sua propria ignorancia.

A soberba, e a vaidade, são cousas abominaveis, e o fallar muito, he a maier de todas as loucuras.

Mas ao sabio pertence o soffrer a impertinencia do  
lou-



louco, ouvir seus absurdos com paciencia, e compadecer-se da sua desgraça.

Porém não te vanglories no teu proprio coração, nem te jactes de superior entendimento: o mais claro conhecimento humano, não he outra cousa alguma, que cegueira, e loucura.

O sabio sente as suas imperfeições, e fica humilhado; de balde se cança, em conseguir a sua propria approvação.

O louco pelo contrario olha como por huma fresta dentro da superficial corrente do seu proprio animo, e fica gostoso com as pedrinhas que descobre no fundo:

do: tira-as para cima, e mostra-as como perolas; e o inutil applauso de seus Irmãos he suas maiores delicias.

Vanglorea-se de seus progressos em cousas de nenhuma importancia; mas onde o ser ignorante he desprezo, ali não tem elle entendimento.

No mesmo caminho da sabedoria fatiga-se com extravagantes empresas; e a vergonha, e frustrações são o infallivel premio de seu trabalho.

Mas o sabio cultiva seu animo com a sciencia; o adiantamento das bellas artes, faz todas as suas deli-

licias ; e a utilidade , que o publico colhe das suas fadigas , cinge huma coroa de triunfante louro ao re-der da sua cabeça.

Este com tudo está per-suadido , que a cultura das virtudes , he a mais sublime sabedoria ; e a sciencia da felicidade o occupa em to-do o tempo da sua vida.

## S E C Ç Ã O II.

*Ricos, e Pobres.*

**O** Homem a quem Deos tem dotado com riquezas, e abençoado com hum animo para dellas fazer hum recto uzo, se póde olhar como particular favorecido, e altamente distincto pela Providencia.

Contempla com prazer suas riquezas, pois lhe subministrão meios de ser caritativo.

Protege os pobres, e defende-os das injurias; não permite que o poder dos

ambiciosos sirva de oppressão aos humildes.

Procura por toda a parte objectos dignos de compaixão, inquire as suas necessidades, da-lhe alivio com prudencia, e sem ostentação.

Ajuda, e premeia o verdadeiro merecimento, anima a industria, e liberalmente anima todo o designio que redundá em algum proveito.

Emprende, e executa grandes obras, enriquece sua patria, e occupa o jornalero, excogita novos systemas, e as artes liberaes se augmentão.

Considera que a superabundancia da sua mesa,  
per

pertence aos necessitados, e não os quer privar do seu direito.

A benevolencia do seu espirito não recebe diminuição alguma pelo augmento da sua fortuna.

Possue pois as suas riquezas com muita alegria; e o seu contentamento não he digno de se criminar.

Mas miseravel daquelle que accumula riquezas em abundancia, e se alegra só de as possuir.

Que faz dos pobres seus escravos, e não attende ao suor de seu rosto.

Que floresce com a oppressão, sem que seu espirito se compadeça, a quem a

ca-

calamidade de seu Irmão, não causa desasocego.

Este se alimenta com as lagrimas dos orfãos, como se fosse com leite; os prantos da viuva soão a seus ouvidos como instrumentos de suave Musica.

Seu coração se tem endurecido com o amor das riquezas, já nenhuma afflicção, nenhuma calamidade fazem sobre elle impressão.

Mas a maldição da iniquidade o persegue por toda a parte; vive em continuo temor; a ancia do seu espirito, e a voracidade dos desejos da sua propria Alma tomão sobre elle vingança, das calamidades que el-

elle tem semeado pelos outros.

Oh! que são as misérias da pobreza, se as compararmos com os tormentos que padece o coração de hum tal homem!

Conforte-se pois o necessitado, e receba alegria, porque para isso tem muitos, e grandes motivos.

Assenta-se á sua parca mesa pacificamente, que não está cercada de lisongeiros, e devoradores.

Não se vê embaraçado com huma vã committiva de subditos, nem perseguido com os clamores de homens importunos, excluse das ignarias dos ricos, não padece suas doenças.

Não



Não he por ventura o pão que come doce ao seu paladar? a agoa que bebe aprazível á sua sede? Sim na verdade lhe he mais delectavel que todas as preciosas iguarias, e bebida dos insaciaveis glotões.

O trabalho conserva-lhe a saude, e desta sóрте alcança hum doce descanso, que o leito soporifero da preguiça, inteiramente ignora.

Humilde põe limittes a seus desejos, e a serenidade do contentamento conforta mais a sua alma que todas as riquezas, e honras, que o mundo péde dar junto com todos os seus dourados prazeres,

Não

Não se glorie pois o opulento das suas riquezas ; nem o necessitado na sua pobreza deixe abater-se-lhe o animo ; porque a providencia Divina distribue a hum, e a outro a felicidade , e faz esta distribuição com maior equidade , do que o louco póde conceber.

S E C Ç Ã O III.

*Amos , e Criados.*

**N**ão te lastimes, ó homem, se a providencia te tem colocado no estado da pobreza, pois Deos assim o determinou; e alcanças muitas, e grandes vantagens, affastando-te elle dos cuidados, e inquietações da vida.

A honra de quem serve, e a sua fidelidade, suas mais illustres virtudes, são a submissão, e a obediencia.

Soffre pois as reprehensões

ções de quem serves; e quando elle te argue, não lhe respondas: o silencio da tua resignação, não será sepultado no esquecimento.

Sê solícito dos seus interesses, sê diligente nos seus negocios, e fiel ao cargo de que elle te julgou digno depositario.

Todo o teu tempo, e o suor do teu rosto lhe he devido; não o defraudes pois de hum, nem de outro, conhecendo que elle te remunera com a sua paga.

E tú que és senhor, sê justo para com quem te serve, se esperas que elle te seja fiel; e sê racional no  
que

que lhe ordenas, se esperas  
humana prompta obediencia.

O espirito do homem se  
concentra nelle, a severida-  
de, e rigor, lhe podem sim  
causar temor, mas nunca  
apoderar-se do seu amor.

Modera a reprehensão com  
a benignidade; e a authori-  
dade com a razão; assim verás  
as tuas admoestações arreba-  
tar seu coração, e a sua obriga-  
ção voltar-se em seu recreio.

Este se occupará no seu ser-  
viço fielmente, movido pela  
gratidão; obedecer-te-ha com  
alegria, vencido pelo amor,  
e não faltas tú quanto está  
na tua mão, a recompensar  
como deves a sua diligencia,  
e fidelidade.

SEC-

## S E C Ç ã O IV.

*Magistrados, e Vassallos.*

**O** Tú, favorecido do Ceo, que os filhos dos homens teus iguaes, tem elevado ao Soberano poder, e feito director de si mesmos, considéras os fins, e importancia do cargo de que elles te incumbem, ainda muito mais importante do que a dignidade, e soberania da tua condiçãõ.

Contempla-te revestido de purpura; e collocado sobre hum Throno; a Coroa da Magestade cinge as tuas fontes; o Sceptro do poder se  
tem

tem depositado nas tuas mãos, mas estes sinaes da superioridade, não te forão dados para ti mesmo, não intentalos para a tua propria utilidade, mas sim para a utilidade da tua patria.

A gloria de hum Rei, he a felicidade de seus Vassallos; seu Poder, e dominio está na sua maior firmeza, quando elle possue os corações de seu povo.

O animo de hum grande Rei, se exalta com a sublimidade do seu Estado; revolve nelle altas façanhas, e prosegue idéas dignas do seu poder.

Convoca para huma assembléa todos os sabios do

**E**

seu

seu Reino, consulta com elles livremente, e ouve os pareceres de todos.

Oiha o seu povo com olhos de discernimento, adquire conhecimento das diferentes prendas dos homens, e occupa-os segundo os seus merecimentos.

Seus Magistrados são justos, seus Ministros Sábios, e o escolhido, a quem elle se digna descobrir o peito, não o engana.

Aníma as Artes liberaes, e ellas florecem; as sciencias se adiantão cultivadas pela sua mão incansavel.

Os Doutos, e engenhosos, fazem todas as suas delicias, acendo em seus peitos huma



ma louvavel emulação, e a Gloria do seu Reino se exalta pela sua industria, e fadigas.

O espirito do negociante, que estende o commercio; a pericia do lavrador, que fertilisa as terras; a Ingenuidade do artista, os progressos do Sabio, a todos estes, elle honra com o seu patrocínio, ou os remunera com liberalidade.

Funda novas Colonias edifica fortes Náos, abre Rios para a commodidade dellas, fórma portos para a sua segurança, seu povo abunda em riquezas, e o poder de seu Reino se augmenta.

Ordena seus Decretos com equidade, e sabedoria, seus

E II Vas-

Vassallos gozão dos fructos de suas fadigas em segurança, e a sua maior felicidade consiste na pontual, e recta observancia das Leis.

Funda os seus juizos nos principios da clemencia, mas no castigo dos transgressores, mostra-se sevêro, e imparcial.

Dá sempre attentos ouvidos ás supplicas dos seus Vassallos, refréa a mão do oppressor, e livra a todos da sua tyrannia.

Estimulado seu povo destes motivos, considé-o como Pai, tributandó-lhe reverencia, e amor; olha-o como Defensor de todos os bens, que gozão.

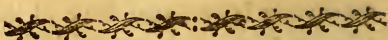
Seu affecto para com elle acende-lhe no peito o amor  
do

do bem commum; a segurança da sua felicidade, he o objecto de todos os seus cuidados.

Nenhumas murmurações contra o seu governo se levantão nos seus peitos, as maquinações dos seus inimigos não põe em perigo os seus estados.

Seus Vassallos se ostentão com fidelidade, e firmeza na sua causa: põe-se na sua defesa, como hum muro de bronze, o exercito de hum Tyranno vâa diante d'elle, como o pó diante do Vento.

A segurança, e a paz constituem a benção do domicilio do seu povo, e a gloria, e poder, cercão seu Trono para sempre.



## P A R T E VI.

*As Obrigações Sociaveis*

## S E C Ç ã O I.

*A Benevolencia.*

Q Uando tú, ó homem, considéras tuas nêcessidades, quando olhas tuas imperfeições confessa, ó filho da humanidade, a beneficencia daquelle, que te honrou com a razão, que te dotou com a falla, e collocou na sociedade, para dares mutuos  
au-

auxílios, e praticares mutuas obrigações para com teus semelhantes.

O teu sustento, teu vestir, tua conveniente habitação; o estares protegido de injurias; o gozares das consolações, e prazeres da vida; todas estas cousas, tú as deves a assistencia dos outros; e não as poderias certamente disfructar, se não nos vinculos da sociedade civil.

He pois, o seres amigo do genero humano, cousa a que estás obrigado; da mesma sorte que he para teu proveito que os homens, estejam em amizade contigo.

Assim como a Rosa-res-

E IV

pira

pira doçura da sua propria natureza; da mesma sorte o coração de hum homem benevollo dá á luz obras dignas de imitação.

Goza da paz, e tranquillidade do seu proprio coração, e alegra-se com a felicidade, e prosperidade dos seus vizinhos.

Recusa dar attenção á malidicencia, os erros, e os defeitos dos homens, causão-lhe dôr no seu peito.

Todos os seus desejos se dirigem a obrar bem, e procurar opportunas occasiões para alcançar esse fim: dando alivio aos outros, alivia-se a si mesmo.

Tal he a grandeza de seu

espírito, que seus desejos abração ainda á felicidade commua, e tal a generosidade de seu coração, que se esmera em a promover.

## S E C Ç ã O II.

*A Justiça.*

**A** Paz da sociedade, depende da Justiça: a felicidade dos individuos, do tranquillo, e seguro gozo de todos os seus bens.

Conserva pois os desejos do teu peito, dentro dos limites da moderação; permite que a mão da Justiça lhes sirva de guia fiel.

Não lances olhos invejosos sobre os bens de teu vizinho, reputa como sagrado tudo que lhe pertence.

Não te deixes por tentação,



ção, nem provocação alguma, allucinar, para levantar a mão contra elle, e pôres em perigo a sua vida.

Não deites a perder a sua fama; não testemunhes falsidades para o opprimires.

Não corrompas seu servo para lhe ser falso, ou abandonallo; e quanto á mulher do seu seio, oh! não attentes por modo algum a peccar.

Pois isto affligirá de tal sorte seu coração, que tú não poderás alliviar; fará tal injuria á sua vida, que reparação alguma não poderá equivaler.

Em todos os teus negocios com os homens, sê imparcial, e justo; e obra pa-

ra com elles, como quere-  
rias que elles obrassem para  
contigo.

Sê fiel no teu cargo, e  
não enganes ao amigo que  
de ti faz confidencia; tem  
por certo, que he menos fa-  
cinoroso nos olhos de Deos  
o roubar, que o commetter  
huma traição.

Não opprimas o pobre, e  
não defraudes do seu jornal  
o trabalhador.

Quando tú vendes por lu-  
cro, ouve a consciencia que  
te admoesta, e contenta-te  
com hum ganho mediocre:  
nem tires vantagem alguma  
da ignorancia do comprador.

Paga as dividas que con-  
trahistes, pois aquelle que  
se

se fiou de ti, não duvidou da tua honra; e o reter o seu direito, não he sómente vileza, mais injustiça.

Finalmente, ó filho da sociedade, examina teu coração, chama a memoria para teu soccorro, e se em qualquer destas cousas conheceres que tens transgredido, enche-te de pezar, e vergonha, e faze quanto cabe no possível para acceleradamente o reparares.

## S E C Ç ã O III.

*A Caridade.*

**F**eliz daquelle, que tem semeado no seu peito as sementes da benevolencia, pois o fructo que ellas hão de produzir, he a caridade, e o amor.

Da fonte de seu coração, se derramão rios de benevolencia; e as correntes transbordão, para o beneficio do genero humano,

Estē ajuda opobre na sua afflicção, e tem a maior alegria promovendo a prosperidade de todos,

Não

*da Vida Humana.* 111

Não censura o seu visinho, não dá credito aos ditos dos invejoses, e malevolos, nem tambem publica suas calumnias.

Perdoa as injurias dos homens, e risca-as da sua memoria: a vingança, e o odio, não achão entrada em seu coração generoso.

Não paga hum mal com outro mal; não tem odio ainda aos seus inimigos, mas recompensa a sua injustiça com amigaveis conselho.

As penas, e as miserias dos homens, excitão a sua compaixão, faz todo o possivel para dar allivio ao pezo de suas calamidades; e o gosto de ver o successo cor-  
res-

responder aos seus desejos, remunerar-lhe trabalho.

Abranda a furia, compõe as contendas dos homens irados; e esforça-se a prevenir as más consequencias das lutas, e inimisades.

Promove na sua vizinhança a paz, e a boa concórdia, e o seu nome se ouve repetido com mil louvores, e benções.

S E C Ç Ã O IV.

*A Gratidão.*

**A**ssim como os ramos de  
hum a arvore voltão o seu su-  
co para a raiz donde o ex-  
trahirão ; assim como o rio  
lança suas correntes para o  
mar donde trouxe a sua ori-  
gem ; da mesma sórte o co-  
ração de hum homem agra-  
decido se deleita retribuin-  
do hum beneficio recebido.

Confessa suas obrigações  
com alegria, olha o seu bem-  
feitor com amor, e estimação.

E se não póde recompen-  
sallas, conserva com prazer

a lembrança dellas no seu peito, e não as esquece todos os dias da sua vida.

A mão do homem generoso, he como as nuvens do Ceo, que derramão sobre a terra fructos, ervas, e flores: o coração do homem ingrato he como hum deserto de area, que traga com voracidade as chuvas que cahem; enterra-as nas suas entranhas, e nada produz.

Não envejes a teu bemfeitor, nem queiras occultar os beneficios que elle te conferio; porque ainda que fazellos, he melhor que recebellos, ainda que o acto da generosidade pede a nossa admiração, com tudo a



humildade da gratidão penetra o coração, e he amavel aos olhos assim de Deos, como dos homens.

Mas não recebas favor algum da mão do soberbo; não devas obrigações aos interessados, e avarentos: a vaidade da soberba te exporá á vergonha; a voracidade da avareza nunca será satisfeita,

## S E C Ç Ã O V.

*A Sinceridade.*

**O** Tú que te namoras da verdade, e admiras com todo o teu coração a simplicidade dos seus encantos, permanece firme na tua fidelidade para com ella, e não queiras abandonalla; a constancia da tua virtude te coroará com huma esplendida coroa de honra.

A lingua do homem sincero lança profundas raizes no seu peito; a hypocrisia, e o engano não entram nas suas palavras.



A sua face se cora á vista da falsidade: e fica confundido; pois tem os olhos sempre fixos em fallar a verdade.

Sustenta varonilmente a dignidade do seu character: e não se abaixa por desprezo o abajar-se ás vis artes que ensinão a hypocrisia.

Sempre attende ao decoro em todas as suas acções; e já mais nellas se vê embarçado: tem animo de sobrebejo para fallar a verdade, porém a mentira teme dizella.

Seu espirito elevado despreza a baixeza da dissimulação; as palavras da sua lingua são os seus interiores sentimentos.

Com

Com tudo, não abre seus labios sem a divida prudencia; e cautella; cousidéra o que he justo e falla com discrição.

Aconselha como amigo; cremina como desapaixonado; e tudo o que promette, seguramente o cumprirá.

Mas o coração do Hypocrita se esconde no seu peito, finge as suas palavras, e da-lhe o colorido da verdade, quando toda a occupação da sua vida, he unicamente o enganar.

Elle ri no meio da tristeza, chora no meio da alegria, e as palavras, que profere, não se podem por modo algum interpetrar.

Tra-

Trabalha, qual Toupeira, na escuridade, e julga-se em segurança; mas sahe confuzamente á luz, e vê-se entregue, e exposto, com a cabeça coberta de imundicias.

Passa os seus dias em hum continuo constrangimento; sua lingua, e seu coração, já mais conhecem concordia.

Trabalha por parecer justo aos olhos dos homens, e alegra-se interiormente, reflectindo na sua vileza.

O' louco, louco! O trabalho que tomas para dissimulares o que és, excede ao que terias em seres actualmento o que desejas parecer;

cer; os filhos da sabedoria escarnecerão da tua vileza, quando no meio da segurança, tua mascara te for tirada, e o dedo da zombaria apontar á tua vergonha.

PAR-



P A R T E VII.

*Da Religião.*

S E C Ç ã O I.

R E L I G I ã O.

**N**ão conhecemos no Mundo senão hum só Deos, o Autor, o Creador, o Director do Mundo, Todo poderoso, Eterno, e incomprehensivel.

O Sol não he Deos; posto que a sua mais nobre imagem; elle allumia o Mundo

F                      do

do com o seu resplendor; seu calor dá vida a todos os frutos da terra; admira-o como creatura, como maravilhoso instrumento de Deos, mas não o adores.

Ao unico que he supremo, o mais sabio, e benefico, a elle só pertense o culto, a adoração, as graças, e os louvores.

Quem he que estendeo os Ceos tão dilatados com as suas mãos, e que delineou com o seu dedo o curso das estrellas?

Que poem limites ao vasto Oceano, os quaes não pôde passar, e que diz aos ventos tempestuosos abrandai?

He este mesmo que faz  
tre-



trem a terra, e os povos se atterrão; que lança relâmpagos, e os malvados se confundem.

Que cria Mundos com a simples virtude da sua palavra que os fere com o braço, ficão aniquilados.

„ Oh! reverencia a Ma-  
„ gestade do Omnipotente,  
„ não provoques a sua ira,  
„ pois ella saberá tomar  
„ severa vingança.

A providencia de Deos, se estende sobre todas as suas obras; elle governa, e dirige o Mundo, com summa sabedoria.

Estabelecco Leis desde o principio para este fim, e as variou de huma pasmosa

maneira para com todas suas creaturas; e cada huina dellas, segundo a sua natureza, se conforma com a sua divina vontade.

Na profundidade dos seus juizos, revolve toda a sciencia; os segredos do futuro, estão inteiramente patentes a seus vigilantes olhos.

Os pensamentos do teu coração, elle os vê como a luz do claro dia; conhece as tuas resoluções, antes de as teres formado.

Concernente á sua presciencia, nada ha contingente; concernente á sua providencia nada há casual.

He maravilhoso em todos os seus caminhos, suas dis-  
po-

pozições são inscrutaveis; os meios da sua sciencia transcendem a tua comprehensão.

Tributa pois á sua sabedoria toda a honra, e veneração; incurva-te em signal da tua humilde, e submissa obediencia, á sua suprema direcção.

O Senhor he cheio de graça, e beneficencia; creou o Mundo pela sua misericordia, e amor.

A sua bondade se declara nas suas obras; elle he a fonte da excellencia, o centro da perfeição.

As creaturas, que suas mãos formárão, testemunhão a sua bondade; e todos os gozos que lhe são proprios,

declarão os seus louvores :  
Elle reveste-as de belleza ;  
sustenta-as com mantimen-  
to ; perpetua-as com benigni-  
dade por gerações infinitas.

Se levantarmos os olhos  
para os Ceos , sua gloria nel-  
les resplandece ; se os abai-  
xarmos para a terra , vem-  
la cheia da sua bondade ; os  
montes , e os valles se ale-  
grão , e cantão ; Prados , Rios,  
e Bosques , resoão os seus  
louvores.

Mas , ó homem , este mes-  
mo Deos elegeo-te a ti como  
mais nobre , para felicissimo  
objecto da sua especial be-  
nificencia , e exaltou o teu  
estado acima de todas as crea-  
turas.

Elle

Elle te dotou com razão para sustentares o teu dominio, deu-te capacidade para a linguagem, para teu adiantamento na sociedade; sublimou o teu animo com as potencias da meditação para contemplares e adorares as suas inimitaveis perfeições.

E quanto ás Leis que ordenou por regra da tua vida, tão benignamente constituio a união da tua obrigação com a tua natureza, que obedecendo aos seus preceitos, procuras a tua propria felicidade.

Oh! louvai a sua bondade com Canções de graças, e meditai silenciosamente nas maravilhas do seu amor; os

vossos corações transbordem com gratidão, e reconhecimento; a linguagem dos vossos labios pronuncie os seus louvores, e adoração; as acções das vossas vidas, mostrem vosso amor ás suas santas Leis.

O Senhor he justo, e recto, e julgará a terra com justiça, e verdade.

Não tem elle estabelecido as suas Leis com bondade, e misericordia, e não castigará elle os que as transgredirem?

Oh! não te persuadas, homem temerario, porque o teu castigo se demora, que o braço do Senhor se enfraqueça, nem te lizongeies com  
as

as esperanças que elle dissimula as tuas faltas.

Seus olhos penetraõ os segredos de todos os corações, e elle se lembra delles para sempre: não attende ás possões, nem aos Estados dos homens.

O soberbo, e o humilde, o rico, e o pobre, o sabio, e o ignorante, livrada a Alma dos molestos vinculos desta vida mortal, hão de receber igualmente da sentença de Deos, huma justa, e Eterna recompensa, segundo as suas obras.

Então os malvados estremecerão, e terão summo temor, mas o coração dos justos se alegrará com sua sentença.

„ Te

„ Teme pois o Senhor  
„ todos os dias da tua vi-  
„ da, e anda pelos cami-  
„ nhos que elle abriu pa-  
„ ra teu curso. A pruden-  
„ cia te admoeste, a tem-  
„ perança te constranja;  
„ a justiça conduza as tuas  
„ mãos, a benevolencia dê  
„ calor a teu coração; e  
„ a gratidão para com o  
„ Ceo te inspire a devoção.  
„ Estas cousas te farão feliz  
„ no estado presente, e te  
„ conduzirão á aquella Pa-  
„ tria eterna aonde o Se-  
„ nhor espera os seus es-  
„ colhidos para coroar as  
„ suas fadigas com huma  
„ coroa de gloria e de im-  
„ mortalidade.



O CONTEUDO NA OBRA.  
INTRODUÇÃO.

P A R T E I.

Das obrigações que dizem respeito ao homem considerado como individuo.

1. *A Consideração.*
2. *A Modestia.*
3. *A Applicaçãõ.*
4. *A Emulaçãõ.*
5. *A Prudencia.*
6. *A Fortaleza.*
7. *O Contentamento.*
8. *A Temperança.*

P A R T E II.

Das Paixões.

1. *A Esperança, e o temor.*
2. *A Alegria, e a tristeza.*
3. *A Cólera.*
4. *A Compaixão.*
5. *O Dezejo, e o amor.*

P A R T E III.

No que diz respeito á mulher.

PAR-

72-124  
Maggs  
3.2.72

P A R T E IV.

A Consanguinidade, ou parentes naturaes.

1. *Marido.*
2. *Pai.*
3. *Filho.*
4. *Irmãos.*

P A R T E V.

A Providencia, ou as differenças casuaes entre os Homens.

1. *Sabios, e Ignorantes.*
2. *Ricos, e Pobres.*
3. *Amos, e Criados.*
4. *Magistrados, e Vassallos.*

P A R T E VI.

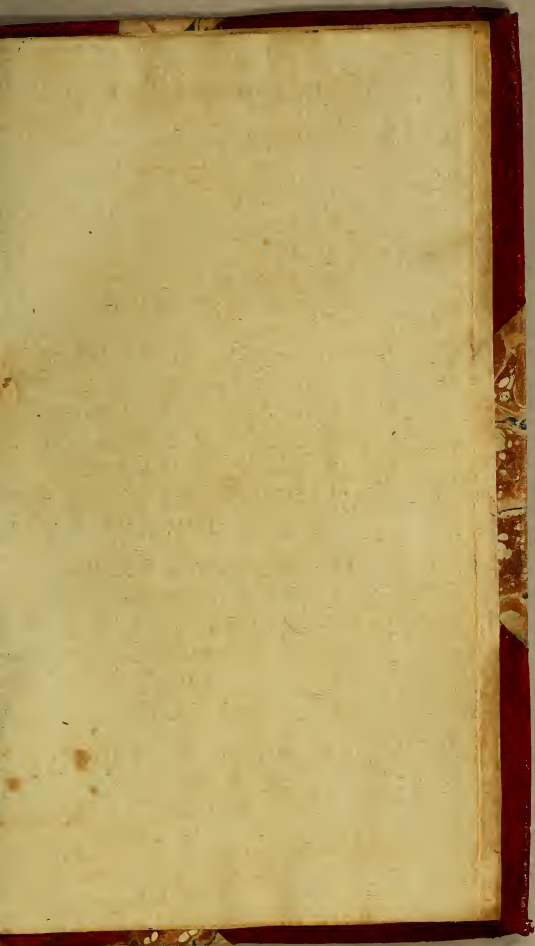
Das obrigações Sociais.

1. *A Benevolencia.*
2. *A Justiça.*
3. *A Caridade.*
4. *A Gratidão.*
5. *A Sinceridade.*

P A R T E VII.

A Religião.

F I M





0818

0647e

3/6  
1/10/19

